

SALVANDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: ACERVOS E ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

Luciana da Costa de Oliveira¹

Era final de abril. Na escola em que leciono, me despedi dos alunos avisando que o trabalho sobre os monumentos de Porto Alegre deveria ser entregue na semana seguinte. A pesquisa deveria estar finalizada porque, em duas semanas, visitaríamos espaços referenciais para a memória do Estado, como o Museu de História Júlio de Castilhos, a Praça da Matriz e o Palácio Piratini, tema de algumas das pesquisas em andamento em sala de aula. Para muitos desses alunos, senão a maioria, visitar parte do Centro Histórico de Porto Alegre seria uma grande aventura, pois desbravariam pela primeira vez parte da história de uma cidade que, ao mesmo tempo que era deles, era ainda uma completa desconhecida.

Chegou o final de semana. E junto dele, um temporal de grandes proporções. No domingo de noite recebemos aviso da direção que na segunda não haveria aula, pois a escola estava sem luz e muitas árvores bloqueavam a rua. No transcurso da semana, além da chuva intermitente, decreto do governador suspendendo as aulas por tempo indeterminado. As notícias que se espalhavam pela mídia e redes sociais davam a dimensão da catástrofe que estávamos vivendo: rios cada vez mais cheios, deslizamento de terra, enxurradas, estradas bloqueadas, enfim, um caos generalizado.

Nos dias que seguiram, Porto Alegre e região metropolitana começaram a inundar. O Centro Histórico, aquele que, poucas semanas atrás eu falava para meus alunos, estava submerso. E foi nesse contexto que começamos a ver as cenas mais tristes da enchente: pessoas sendo resgatadas de barco, casas debaixo d'água, animais buscando abrigo onde era possível. Na contramão disso tudo, inúmeros grupos de voluntários se mobilizando em uma grande força-tarefa para ajudar e acalantar aqueles que haviam perdido lar, família e esperança.

No meio de toda essa tragédia, outra catástrofe se delineava: espaços de memória, de Porto Alegre e interior do Estado, eram tragados pela água. Tal qual a Dança da Morte medieval, que no contexto da Peste Negra arrasou parte da população europeia sem distinguir estamento, idade ou gênero, as águas da inundação assim faziam com os museus, arquivos e memoriais que invadiam. Documentos em papel, objetos dos mais variados tipos e materiais, livros, fotografias e pinturas eram levados pelas águas. Os que não foram levados, estavam, aos poucos, submergindo nas águas da

1 Diretora Administrativa do Instituto Histórico e Geográfico do RS.

enchente. O cenário trágico alertava, tristemente, que parte dos registros da história estavam em vias de se perder.

Passados alguns dias, quando a chuva deu uma trégua e as águas começaram a baixar, a destruição dos acervos pôde, então, ser previamente mensurada. Foi justamente nesse momento que uma nova questão se apresentou: como salvar materiais de acervos que foram molhados não apenas com água, mas com barro e diversos tipos de dejetos? A partir disso, então, diversas frentes foram organizadas e, cada instituição a partir de suas especificidades e acervos, passou a trabalhar no salvamento e restauração de seus documentos.

É importante sinalizar que muitos espaços de memória e de custódia de documentos não possuíam equipe especializada para empreender o trabalho posterior ao de salvamento. Vimos, porém, que as articulações entre a Secretaria da Cultura do Estado e do Sistema Estadual de Museus, foram fundamentais no auxílio a espaços que foram fortemente atingidos pelas águas. Além disso, instituições como o Arquivo Nacional orientaram, através de *lives* e cartilhas, como proceder junto aos acervos danificados. Outros órgãos e instituições, nacionais e internacionais, igualmente prestaram socorro aos acervos do Estado, o que colaborou enormemente para que as perdas não fossem maiores.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, instituição centenária que se dedica, desde sempre, à pesquisa e à produção de conhecimento, não ficou insensível à catástrofe. Por mais que não tenha sido diretamente afetado pela água, pelo fato de estar localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, o prédio permaneceu por longo tempo sem água e luz em suas dependências. Sendo solidário a todos que sofreram avarias em seus acervos, a equipe do IHGRGS, em conjunto com o Grupo de Trabalho Acervos: História, Memória e Patrimônio, vinculado à Associação Nacional de História (ANPUH) Sessão Rio Grande do Sul, e com o Núcleo de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), organizou um evento que tinha por objetivo de oferecer subsídios para salvamentos emergenciais de acervos atingidos pela enchente.

O Curso de Formação *Salvando histórias e memórias: recuperando acervos da enchente*, ocorreu entre os dias 02 a 05 de julho de 2024, na modalidade *online*, com transmissão via canal do YouTube do IHGRGS. Contando com a participação de diversos profissionais de distintas áreas de atuação, o evento mostrou-se relevante nesse contexto pois, ao serem encerradas as inscrições, foram contabilizados 372 interessados. O número de participantes foi surpreendente; isso nos fez entender, enquanto instituições e grupo de trabalho que lida e atua na preservação e divulgação de acervos,

o quão necessário era a fala de profissionais que, ao mesmo tempo em que orientavam trabalhos, igualmente se solidarizavam e compartilhavam suas experiências durante a enchente.

A primeira ação desse curso de formação foi a divulgação, pelo mesmo canal de comunicação, de um vídeo explicativo intitulado *Procedimentos de emergência para acervos atingidos por água*, ministrado pela conservadora-restauradora Simone Steigleder. Neste, foram abordadas algumas técnicas que puderam ser utilizadas quando do manuseio inicial dos acervos molhados. A ideia não era apresentar técnicas avançadas de restauração, mas sim procedimentos corretos para que as perdas não fossem maiores.

Lançado esse primeiro vídeo, passamos ao curso de instrumentalização. Na abertura, além das palavras solidárias do presidente do IHGRGS, Miguel Frederico do Espírito Santo, tivemos a oportunidade de ouvir Beatriz Haspo, intelectual de vasto currículo e que atualmente leciona na Universidade de Maryland, onde é responsável pelo curso de mestrado em Preservação de Bibliotecas e Arquivos. Nessa ocasião, a professora Beatriz Haspo representou a APOYOnline – Associação para Preservação do Patrimônio Américas, onde é diretora executiva. Importante mencionar que a APOYOnline auxiliou de maneira incansável o Rio Grande do Sul nesse momento, prestando assessoria nos mais diversos casos que se apresentaram.

A fala de Beatriz Haspo foi fundamental para iniciarmos o curso, uma vez que trouxe toda sua *expertise* no tema. Os exemplos apresentados, vivenciados ou estudados por ela, foram percebidos como possibilidades no salvamento dos inúmeros acervos danificados. Além disso, medidas preventivas também foram apontadas, sendo esse o tema do grande debate que se seguiu à fala. Nessa mesma noite, apontando questões de ordem prática, Simone Steigleder ministrou a oficina *Salvamento na prática: instrumentalização para resgate de acervos*. Da mesma forma que no vídeo lançado anteriormente, a fala de Simone oportunizou um debate onde, ao mesmo tempo em que questões de salvamento eram colocadas, e medidas emergenciais e específicas, solicitadas pelos mais diversos profissionais que estavam atuando em acervos do Estado.

Após pensarmos nas questões de salvamento emergencial, a segunda noite de trabalho se dedicou aos relatos de experiência, onde cada convidado pôde falar sobre suas vivências no salvamento dos acervos. Nesse módulo, intitulado *Salvando histórias e memórias do Rio Grande do Sul*, ouvimos a experiência de Débora Flores, arquivista da Universidade Federal de Santa Maria, no trabalho junto ao acervo da universidade, um dos primeiros dos quais tivemos a notícias de que havia sido alagado. Na sequência, tivemos a oportunidade de escutar a fala sensível de Doris Couto, diretora do Museu

de História Júlio de Castilhos e coordenadora Sistema Estadual de Museus do RS. Na ocasião, ela compartilhou com os participantes o trabalho que prestou em diversos museus de Porto Alegre e interior, mostrando em números e exemplos a situação em que se encontravam, bem como as medidas adotadas até então.

Na mesma noite, ouvimos o arquiteto Jorge Stocker. Ao trabalhar com uma questão pouco problematizada, Stocker trouxe a situação dos prédios históricos no contexto da enchente. Além disso, pontuou a importância da conservação e restauração de bens edificados e a relevância dos materiais utilizados nesses trabalhos. Para finalizar a noite, Angelita Peixoto, conservadora-restauradora e membro titular do Colegiado Setorial de Memória e Patrimônio do RS, apresentou sua experiência no trabalho junto à biblioteca do Tribunal de Contas do RS. Ao ter seu acervo completamente inundado, a profissional mostrou a minúcia de seu trabalho no salvamento de livros e documentos em papel.

Apresentados os primeiros relatos de experiência, dedicamos o terceiro dia de evento aos conservadores-restauradores, profissionais fundamentais no momento que se seguiu à enchente. Na mesa *Conservação e restauração: processos e possibilidades de salvamento*, tivemos a oportunidade de ouvir Andréa Bachettini, professora do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas que, muito além de apresentar os procedimentos de salvamento, nos levou a refletir sobre a destruição do patrimônio e sua recuperação através do trabalho dos conservadores-restauradores.

Seguindo a mesma linha, Ísis Fófano, à época coordenadora do Plano de Recuperação do Estado, fez uma fala importantíssima sobre as condições do acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) bem como do trabalho de conservação e restauração que estava sendo realizado no acervo visual do espaço. Finalizando a noite, ouvimos a experiência de Ângela Flach, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) – Campus Porto Alegre, que atuou no salvamento do acervo documental e bibliográfico da instituição.

Finalizada a parte expositiva e de compartilhamento de experiências, a última noite do evento se dedicou a ouvir os historiadores e profissionais da área de prevenção de riscos. Assim, a mesa *Prevenção de riscos: reflexões e perspectivas para o futuro* objetivou a confluência de experiências dos profissionais que lidam diretamente com os acervos e fazem deles seu espaço de trabalho e estudo. Alexandre Veiga, doutor em História e Arquivista, atentou sobre a importância da digitalização de acervos. Pensando na sobrevida dos suportes, Veiga apresentou diversas plataformas que supor-

tam diferentes tipologias de documentos. Em sequência, Marcelo Vianna e Cristiano Enrique de Brum, ambos doutores em História, além de frisar a relevância da digitalização, apresentaram as ações levadas a cabo pela COMINTER – Comissão Interdisciplinar de Preservação de Processos Judiciais Aptos a Descarte do Tribunal de Justiça do RS. Na explanação se pôde refletir sobre as possibilidades de preservação de acervos bem como suas políticas de descarte.

Angela Beatriz Pomatti, mestre em História e museóloga, e que trabalha junto ao acervo do Museu de História da Medicina (MUHM), fez uma importante fala sobre gestão de acervos e programas de segurança para museus. E, finalizando a noite e o curso, tivemos a oportunidade de ouvir a mestre em Engenharia Civil, área de Sustentabilidade e Gestão de Riscos, Anaclaudia Silva. Sua experiência na gestão de riscos nos fez pensar nos processos preventivos, fundamentais para que, na ocorrência de tragédias, os danos não sejam catastróficos.

Durante a organização do curso, uma atividade que não queríamos deixar de fora foi a visita a espaços que tiveram seus acervos atingidos. Como não era viável realizar a visita presencial, pois muitos dos participantes não eram de Porto Alegre, optamos por gravar três *cases* em lugares que já estavam trabalhando na recuperação de sua documentação. O trabalho foi realizado por alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RS (IFRS) – Campus Alvorada, e coordenado por Marcelo Vianna.

O primeiro *case* foi produzido na Sociedade Polônia. Instituição localizada no Quarto Distrito de Porto Alegre, teve grande parte de sua documentação institucional alagada. Em uma parceria com o grupo Sepia (UFRGS) e coordenados por Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, doutora em Educação e professora do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, alunos da universidade atuaram diretamente no salvamento do material da instituição. O mesmo ocorreu no segundo *case*, realizado na Fundação Pão do Pobres. Localizada no bairro Cidade Baixa, um dos mais atingidos pela enchente, a fundação viu sua parte histórica e administrativa embaixo d'água. Em uma ação conjunta de voluntários de diversas universidades e formações, especialmente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os arquitetos Lucas Volpato e Jeniffer Cuty, a museóloga Bárbara Hoch e a conservadora-restauradora Diana Bulcão, conjuntamente com alunos e voluntários, levaram a cabo a tarefa de recuperar o acervo que estava em vias de ser perdido.

O terceiro e último *case* foi feito no setor de arquivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre. Este, que fica no Centro Histórico de Porto Alegre,

viu seu acervo administrativo ser completamente alagado com a rápida subida da água. Os esforços dos servidores foram de grande importância para que muitos dos documentos lá salvaguardados não fossem completamente perdidos.

Muito embora o curso tenha finalizado após esses quatro dias, o processo de salvamento dos acervos estava apenas começando. No decorrer do ano de 2024 muita coisa foi feita. E certamente seguirá sendo feita ao longo de 2025 e 2026. No transcurso do tempo, serão necessários alguns anos ainda para consertar o que as águas, o barro e os esgotos levaram horas para destruir.

As cicatrizes dessa enchente, muito além de estarem apenas nas paredes das casas, prédios e muros da cidade, se faz presente nos inúmeros documentos que foram salvos dessa tragédia. Agora, além de sobreviventes de um período de negacionismos, são portadores de uma nova camada de história.